

# **“DICIONÁRIO DE TERMOS TUPI-GUARANI DO CENTRO-OESTE MINEIRO”: APLICANDO CONHECIMENTOS DE LINGUÍSTICA TEÓRICA EM SALA DE AULA**

**Elisson Ferreira Morato**

elissonmorato@yahoo.com.br

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais.  
Professor de Língua Portuguesa do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

## **Apresentação**

O programa curricular de Língua Portuguesa do Ensino Médio traz conteúdos relacionados à teoria linguística, alguns especificamente ligados à linguística estrutural. São exemplos desse conteúdo programático o conceito de signo linguístico, estrutura lexical, formação de palavras e fonologia. São tópicos que podem ser tidos como ásperos e de difícil assimilação pelos alunos.

Com o propósito de tornar mais significativos tais conteúdos, assim como oferecer uma oportunidade de aplicação destes, foi proposto aos alunos de Língua Portuguesa do primeiro ano do curso técnico de Eletromecânica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG) a aparentemente árdua tarefa de elaborar um dicionário de termos tupi-guarani recorrentes na região centro-oeste de Minas Gerais. No projeto, foi incluída a intenção de confeccionar um dicionário a ser destinado, pelos próprios alunos, a bibliotecas públicas e bibliotecas de escolas da rede pública da região.

O tema escolhido para o projeto se deve a onipresença de palavras de origem tupi-guarani no centro-oeste mineiro, assim como a falta de estudos relacionados a esse fato, o que leva à escassez de material sobre o assunto. Associado à elaboração de um dicionário, o projeto foi conduzido de modo a se produzir, como resultado final, não apenas uma nova postura dos alunos em relação à disciplina de Língua Portuguesa, mas também uma atuação nas comunidades das quais esses alunos são oriundos já que eles produziram e distribuíram material escrito em linguagem acessível e de fácil consulta voltado para alunos de outras instituições ou para quaisquer outros leitores interessados pelo assunto.

Considerando que o CEFET MG trabalha com programas de iniciação científica no Ensino Médio, o programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior (BIC Júnior), o projeto contribui para uma primeira vivência dos alunos com a pesquisa científica através de procedimentos metodológicos como recorte do tema, seleção de *corpus*, verificação de hipóteses, aplicação de conhecimentos teóricos, produção de textos técnico-científicos etc.

Desse modo, chegamos à realização de um projeto didático voltado tanto para a construção de novos conhecimentos dos alunos sobre tópicos de linguística e sobre a língua portuguesa no Brasil, enfatizando a valiosa contribuição das línguas indígenas para o nosso idioma, quanto para a disponibilização dos saberes produzidos coletivamente pelos alunos para a comunidade externa. O que evidencia que os saberes adquiridos podem (e devem) abranger sua aplicabilidade para além do espaço da sala de aula.

### **Caracterização da Escola**

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG) é uma rede pública de escolas profissionalizantes que conta com cursos de nível Médio e Superior, incluindo cursos de Pós-graduação. Há diversos *campi* da instituição em Minas, sendo que o projeto didático apresentado neste relato foi realizado no Campus V, unidade de Divinópolis, cidade considerada polo do centro-oeste mineiro.

O Campus V do CEFET MG abriga três cursos técnicos de nível médio: Informática, Eletromecânica e Produção de Moda; e um curso superior: Engenharia Mecatrônica. O corpo discente é formado por dezoito turmas sendo que seis delas pertencem ao curso de Engenharia Mecatrônica. O corpo docente é formado tanto por professores que atuam exclusivamente em áreas tecnológicas quanto por professores de áreas que vão das ciências humanas às exatas. O perfil socioeconômico dos alunos é bastante variado e a instituição acolhe tanto alunos de Divinópolis quanto de cidades vizinhas.

A turma na qual o projeto didático foi realizado é formada por 38 alunos, com faixa etária de 15 a 16 anos, do curso técnico de Eletromecânica. O grau de interesse apresentado pela turma foi, de maneira geral, positivo, sendo que as

reações avessas ao trabalho se deveram, em parte, à desinformação sobre a natureza de um projeto como o que foi proposto. Por sua vez, à medida que o trabalho avançava, o receio foi sendo substituído pela curiosidade e pelo empenho na elaboração do dicionário, já almejando a qualidade do resultado final.

### **Fundamentação teórica**

Para a orientação teórica deste projeto, foram utilizados conceitos de teorias linguísticas como a de Ferdinand Saussure (1977) e a de Louis Hjelmslev (1968). Do mesmo modo, acatamos trabalhos sobre a família linguística tupi-guarani, trabalhos que incluem a Gramática de tupi-guarani escrita por José de Anchieta no século XVI e trabalhos modernos como o de Silveira Bueno (1984) e de Moacyr Costa Ferreira (2000), assim como de Celso Luft (2002). Naturalmente, devemos enfatizar que as fontes mencionadas acima, exceto os de Silveira Bueno e Moacyr Costa Ferreira, foram trabalhadas através de textos e exposições didáticas acessíveis ao nível de conhecimento dos alunos.

O tupi-guarani, conforme fizemos suscitar anteriormente, não é uma língua, mas um conjunto de línguas faladas por diversas nações indígenas que habitavam o litoral brasileiro e parte do interior de Minas Gerais e São Paulo até os primeiros séculos de colonização. A progressiva ocupação do território pelos colonizadores e o frequente contato destes com os povos indígenas fez com que muito do léxico tupi-guarani fosse aglutinado pela língua portuguesa.

O primeiro autor a estudar sistematicamente esse conjunto de línguas, com ênfase no tupi, do qual deriva o tupi-guarani, foi o padre jesuíta José de Anchieta (1535-1597) que publicou em 1595 sua *Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil*, obra que trata inclusive, no Capítulo II, *da ortografia ou pronúncia*, legando preciosas informações para a transliteração dessas palavras, ou, como poderíamos dizer, desses signos linguísticos, para o português.

De acordo com Saussure (1977, p.80), o signo linguístico é uma entidade formada pelo som de uma palavra (significante) e a impressão que esse som provoca (significado). Formado pela junção de um som com uma ideia, os signos

podem ser associados a outros, criando, assim, os sintagmas linguísticos, já que "os sintagmas se compõem sempre de duas ou mais unidades consecutivas (Saussure, 1977, 142). Se "num estado de línguas tudo se baseia em relações (Saussure, 1977, p. 142), os processos de formação de palavras podem ser entendidos como processos de associações sintagmáticas. No tupi-guarani, por exemplo, encontramos palavras formadas pela justaposição de signos como, por exemplo, *Itaúna*, formada pelas palavras *ita* (pedra) e *una* (preta).

Seguidor das ideias de Saussure, Hjelmslev divide o signo linguístico em componentes chamados *functivos* (Hjelmslev, 1968, p. 80). Esses functivos são as unidades morfológicas das palavras como radical e afixos. Dessa maneira, o autor estabelece que outros signos podem ser formados não apenas pela junção signo + signo, mas também pela junção signo + parte de signo. Exemplos da possibilidade descrita por Hjelmslev são processos de formação de palavras, como a derivação, baseada na junção de um radical com afixos. Palavras tupi-guarani apresentam também essa característica. O prefixo "ara", por exemplo, designa algo que está no alto ou que pertence às alturas, como em "arara" (ave), arapúá (abelha que faz o ninho no alto), ou "araxá" (lugar alto, de onde primeiro se vê o sol).

Pressupostos de morfologia aplicados na língua portuguesa, por sua vez, são parte dos manuais de gramática modernos, dentre os quais citamos a Moderna Gramática Brasileira, de Celso Luft (2002). E, uma vez munidos deste aparato teórico, o passo seguinte foi aplicá-lo ao conjunto de termos tupi-guarani selecionados, conjunto de palavras montado e pesquisado com o auxílio dos trabalhos de Silveira Bueno (1984) e Costa Ferreira (2000).

### **Descrição da experiência**

A elaboração do dicionário teve com principais objetivos didáticos aplicar tópicos de linguística em trabalhos práticos, assim como proporcionar um maior conhecimento sobre a língua portuguesa no Brasil, demonstrando a influência do tupi-guarani na composição do nosso léxico. Por outro lado, buscou-se desenvolver, nos alunos, a prática de escrita de textos formais segundo as

normas do português padrão, assim como proporcionar uma introdução à prática de pesquisa científica.

A primeira etapa para a realização do dicionário foi a elaboração de um inventário de palavras de origem tupi-guarani presentes no centro-oeste mineiro. Nessa etapa, foram feitas consultas rotineiras aos dicionários anteriormente mencionados. Uma vez elaborada a listagem de palavras que iriam compor o dicionário, os vocábulos foram divididos segundo categorias como nomes de plantas, animais, acidentes geográficos, topônimos e logradouros, além de palavras de uso rotineiro que não se enquadram nas categorias apontadas anteriormente. Cada grupo de vocábulos foi entregue a um dos oito grupos de alunos formados, grupos encabeçados por um monitor responsável por encaminhar as dúvidas ao professor, bem como manifestar as dificuldades encontradas na pesquisa.

O passo seguinte foi a pesquisa do significado e a elaboração de um verbete, com modelo preestabelecido, relacionado a cada palavra. Uma vez elaborados os verbetes, os textos foram digitados e ilustrados com imagens, tendo-se o cuidado de mencionar o autor e/ou a fonte do material ilustrativo. O texto foi digitado em arquivo “.doc” e encaminhado ao professor para a organização dos vocábulos em ordem alfabética, assim como para a revisão final e formatação do trabalho.

A versão definitiva do volume, contendo 56 páginas em formato A4, foi impressa na gráfica do CEFET MG, Campus I, de Belo Horizonte, e um número determinado de cópias foi destinado aos alunos com o propósito de que estes distribuíssem os exemplares em bibliotecas públicas de Divinópolis e região.

### **Avaliação dos resultados**

Além de aumentar a curiosidade da turma sobre assuntos relacionados à língua portuguesa, o que foi constatado através do interesse e da participação nas aulas, o trabalho com o “Dicionário...” tornou mais acessíveis e mais concretos os conteúdos teóricos de linguística trabalhados em sala de aula. Do mesmo modo, as atividades com o projeto permitiram uma compreensão mais clara de como pontos teóricos contribuem para a ampliação dos conhecimentos,

e de que esses conhecimentos também podem ser estendidos à comunidade externa a escola.

Outro aspecto observado foi o aumento na autoestima da turma. O que foi obtido mediante a realização do trabalho coletivo que favorece o sentimento de unidade, permitindo que o “Dicionário...” fosse tido como o mérito de um grupo coeso e não do trabalho isolado, individual, de uns poucos. Outro motivo desse acréscimo de estima foi dado pelo fato de os alunos passarem a se encarar não apenas como reprodutores, mas como produtores de conhecimento, como autores de novos saberes. Sentimento que se fortaleceu com a possibilidade dada aos alunos de divulgarem o trabalho por eles realizado nas comunidades de origem, fortalecendo o vínculo da instituição escolar com a sociedade que a mantém.

### **Considerações finais**

O projeto didático descrito neste relato nos mostra que o processo de ensino-aprendizagem enriquece quando não se subestima a curiosidade e a potencialidade dos alunos no que se refere à elaboração de trabalhos mais amplos, sejam estes coletivos ou individuais. A possibilidade de desenvolver projetos didáticos como esse mostrou como os alunos podem ser encarados como formuladores e propagadores de conhecimentos e não apenas como reprodutores ou receptáculos de informações adquiridas em sala de aula.

Essa percepção, atingida pelos alunos com a elaboração do trabalho, os leva a darem uma importância diferencial ao conteúdo da disciplina de Língua Portuguesa, que passou a ser vista não apenas como uma carga de conteúdos cobrados em avaliações, mas como uma área do conhecimento que oferece um vasto campo a ser explorado, ou degustado, pela curiosidade dos alunos.

Para o professor, fica a convicção de que a atividade de ensino não precisa, talvez nem deva, se restringir à transmissão mecânica de informações. O ensino pode gerar muito mais do que informações que serão continuamente aplicadas e esquecidas das avaliações anuais. Pode gerar, além de novos conhecimentos, novas e/ou futuras perspectivas relacionadas à carreira escolar. Fica o aprendizado de que a atividade de ensino pode legar contribuições

diversas para a sociedade, não apenas formando alunos mais esclarecidos como, quem sabe, futuros pesquisadores da língua portuguesa.

## Referências

ANCHIETA, Padre José de. *Arte de Grammatica da Língua mais usada na costa do Brasil*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00059200#page/1/mode/1up>. Último acesso em 07/02/2011.

BUENO, Francisco da Silveira. *Vocabulário Tupi-guarani português*. São Paulo: Brasilivros Editora e Distribuidora, 1984.

FERREIRA, Moacyr Costa. *Dicionário Morfológico de Tupi-guarani*. Texas: Texas University Press, 2000.

HJELMSLEV, Louis. *Prolégomènes à une theorie du langage*. Trad. Anne-Marie Leonard. Paris: Minuit, 1968.

LUFT, Celso. *Moderna Gramática Brasileira*. 2ª Ed. São Paulo: Globo: 2002.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.

**Enviada em 10 de fevereiro de 2011**

**Aprovada em 11 de março de 2011**

## ANEXOS



Figura 1: capa do “Dicionário de termos tupi-guarani do centro-oeste mineiro”.

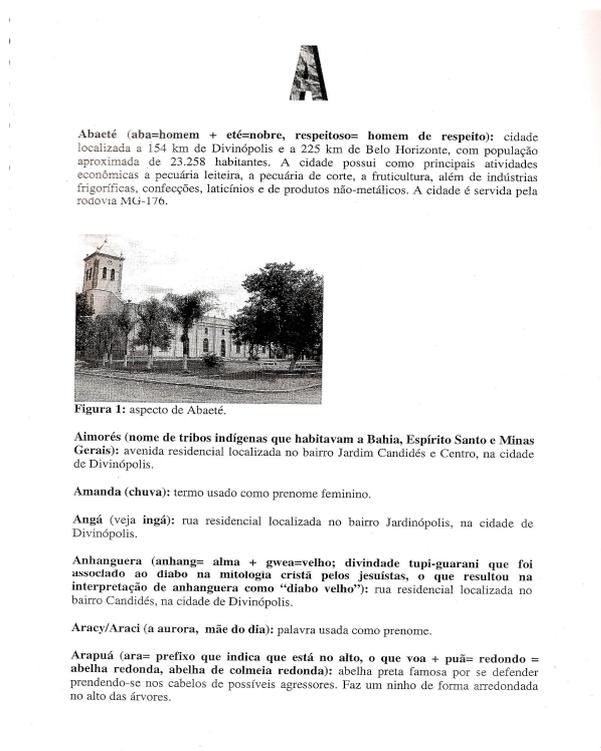


Figura 2: exemplo de página do “Dicionário...”.